Educação Financeira para Pais

Cartilha com sugestões para os pais a respeito
da educação financeira de seus filhos.

2011

Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados
Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca
http://bd.camara.gov.br

"Dissemina os documentos digitais de interesse da atividade legislativa e da sociedade."

Câmara dos Deputados

Educação Financeira para Pais

Brasília | 2011

Educação Financeira para Pais

Mesa da Câmara dos Deputados
54ª Legislatura – 1ª Sessão Legislativa
2011-2015

Presidente
Marco Maia

1ª Vice-Presidente
Rose de Freitas

2º Vice-Presidente
Eduardo da Fonte

1º Secretário
Eduardo Gomes

2º Secretário
Jorge Tadeu Mudalen

3º Secretário
Inocêncio Oliveira

4º Secretário
Júlio Delgado

Suplentes de Secretário

1º Suplente
Geraldo Resende

2º Suplente
Manato

3º Suplente
Carlos Eduardo Cadoca

4º Suplente
Sérgio Moraes

Diretor-Geral
Rogério Ventura Teixeira

Secretário-Geral da Mesa
Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida

Câmara dos
Deputados

Educação Financeira para Pais

Cartilha com sugestões para os pais a respeito
da educação financeira de seus filhos.

Centro de Documentação e Informação
Edições Câmara
Brasília|2011

CÂMARA DOS DEPUTADOS

DIRETORIA LEGISLATIVA
Diretor: Afrísio Vieira Lima Filho

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
Diretor: Adolfo C. A. R. Furtado

COORDENAÇÃO EDIÇÕES CÂMARA
Diretora: Maria Clara Bicudo Cesar

DIRETORIA DE RECURSOS HUMANOS
Diretor: Luiz Cesar Lima Costa

DEPARTAMENTO DE PESSOAL
Diretor: Milton Pereira da Silva Filho

COORDENAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS
Diretor: Fernando Jaime Bastos

SECRETARIA EXECUTIVA DO PROGRAMA DE VALORIZAÇÃO DO SERVIDOR – PRÓ-SER
Secretária Executiva: Patrícia Mendes Moreira

Diagramação, ilustrações e capa: Diego Moscardini e Rafael Benjamin

Câmara dos Deputados
Centro de Documentação e Informação – Cedi
Coordenação Edições Câmara – Coedi
Anexo II – Praça dos Três Poderes
Brasília (DF) – CEP 70160-900
Telefone: (61) 3216-5809; fax: (61) 3216-5810
edicoes.cedi@camara.gov.br

SÉRIE
Ações de Cidadania
n. 12

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

Cartilha de educação financeira para pais. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.
66 p. – (Série ações de cidadania ; n. 12)

ISBN 978-85-736-5845-3
Cartilha com sugestões para os pais a respeito da educação financeira de seus filhos.

1. Finanças, educação. 2. Educação da criança. 3. Poupança e investimento, educação. 4. Orçamento familiar, administração. I. Série.

CDU 330.567.2

ISBN 978-85-736-5844-6 (brochura) ISBN 978-85-736-5845-3 (e-book)

Sumário

Apresentação 7
Prefácio 9
Por que falar de dinheiro com nossas crianças? 11
Como contribuir para a educação financeira de seu filho? 13
Atenção à história das gerações familiares! 15
Quando começar a falar de dinheiro com as crianças? 17
Conhecendo o dinheiro e sua função 19
A diferença entre querer e precisar 21
Ensinando finanças na hora da compra 23
A origem do dinheiro 25
Dinheiro não cai do céu 27
Cuidado e conservação 28
E quando dinheiro e consumo são medidas de amor? 29
Mesada: exercício da autonomia financeira 31

“Quero dar ao meu filho tudo o que não tive!” 37
Poupar pode ser tão prazeroso quanto gastar 41
A capacidade de espera das crianças: um experimento 44
O poder da publicidade 47
Consumo consciente 51
Arte de doar, arte de se doar 55
Ética 59
Cuidar 61
Referências 63

Apresentação

O Programa de Valorização do Servidor da Câmara dos Deputados, Pró-Ser, desde 2003, desenvolve ações de educação financeira, com a finalidade de fornecer orientação aos servidores para melhor administração do orçamento doméstico e das finanças pessoais.

Quando ouvimos falar pela primeira vez em educação financeira infantil, ficamos curiosos, e uma pergunta surgiu quase imediatamente: o que ensinar sobre dinheiro para crianças? Esse assunto parecia pertencer a um território tão adulto!

Após um tempo de estudo, mudamos nossa forma de pensar. Observando e fazendo algumas experiências com nossos próprios filhos, vimos que finanças fazem parte da realidade infantil. Precisávamos estar conscientes da educação que estávamos proporcionando e dar objetivo às nossas ações.

Ao percebermos a importância da educação financeira, passamos a oferecer oficinas com orientações para pais e crianças. A grande procura desses

públicos reforçou a nossa crença sobre a relevância do tema, que sempre foi tratado com muito carinho e alegria.

A partir daí, elaboramos esta cartilha, que tem como objetivo proporcionar reflexões a respeito de como os pais podem auxiliar seus filhos na construção de uma relação saudável com o dinheiro. Ela ressalta a importância da família na transmissão do aprendizado sobre o valor do dinheiro, sobre as noções de "caro e barato" e "desejos e necessidades", sobre a prática da poupança e sobre a ética e a solidariedade no mundo das finanças. A cartilha também introduz a mesada como um instrumento de educação financeira e oferece dicas para sua eficaz administração.

Esperamos que este material desperte ou incremente o gosto pelo orçamento doméstico e que possamos de alguma maneira colaborar com a educação financeira da sua família.

Quanto mais cedo começarmos, melhor. Por isso, não percamos tempo! Comecemos agora mesmo esta empreitada pra lá de animada. A educação envolve consistência e repetição, então nada de desânimo! Falaremos a mesma coisa para os nossos filhos muitas e muitas vezes – quantas eles precisarem!

Equipe do Programa de Valorização do Servidor

Prefácio

É curioso ver que na maior parte do tempo estamos lidando com educação financeira para adultos. Motivo? Faltou educar financeiramente as crianças. Mas ninguém deve culpar nossos pais e avós por isso, porque o mundo não demandava, no passado, esse tipo de educação, dada a maior simplicidade da vida.

O mundo, infelizmente (ou felizmente), mudou sob esse aspecto, e não podemos nos dar ao luxo de ignorar essa mudança. O simples fato de você estar lendo esta passagem indica a sua preocupação com o tema.

Fico muito tranquilo com relação às orientações aqui contidas, trazidas pela equipe do Pró-Ser, sempre atenta à questão da educação financeira. Digo isso por conta de uma palavrinha curta: experiência. Sim, as pessoas que escreveram este texto ostentam (com muita humildade e serenidade) uma longa experiência no ouvir, compreender e ajudar a resolver uma série de problemas financeiros da vida real dos funcionários da Câmara dos

Deputados e de vários outros órgãos nos quais já tiveram a oportunidade de transmitir seus conhecimentos quando convidados.

Ler este texto será uma ótima oportunidade não apenas de acalmar a sua inquietação quanto à melhor abordagem para tratar de dinheiro com seu(s) filho(s) como também de revisitar o assunto das finanças pessoais.

Num mundo em que as crianças estão submetidas a uma dose mais que suportável de publicidade, o texto aponta soluções e, mais que isso, levanta a fundamental diferença entre o desejo e a necessidade. Se tais conceitos se misturam tanto em nós, imaginem nas pequeninas mentes em formação!

Como as pessoas sempre estão na dúvida sobre onde investir, meu conselho é: invista seu tempo nesta leitura e garanta ótimos resultados para quem você ama.

Luiz Humberto Cavalcante Veiga

Escritor, doutor em economia e
consultor legislativo da Câmara dos Deputados.

Por que falar de dinheiro com nossas crianças?

Queremos o melhor para os nossos filhos e, por isso, sonhamos com um futuro promissor. Algumas vezes acreditamos que uma boa profissão será suficiente para garantir segurança financeira, mas isso nem sempre é verdade. Como um bom profissional, podemos ganhar muito dinheiro, mas se não soubermos administrá-lo, ficaremos em maus lençóis.

Administrar o dinheiro não se limita a saber economizar e fazer contas. Não é tampouco colocar o dinheiro como primeira grandeza em nossas vidas. Significa saber utilizar nossos recursos em prol do nosso crescimento e bem-estar.

Além do mais, as primeiras lições de finanças começam na infância, estejamos nós conscientes ou não disso. Ou seja, nossos filhos aprenderão o manuseio do dinheiro observando o que lhes ocorre em volta. Que tal então contribuir de forma eficaz para sua educação financeira?

Como contribuir para a educação financeira de seu filho?

Educação financeira não é algo que se ensina em cadernos ou na lousa. Você não precisa parar e dar uma aula. É no dia a dia que se aprende sobre finanças.

Acreditamos que você já ouviu falar que os filhos imitam os pais em vários aspectos. Os pais são modelo para os filhos, e isso não seria diferente em relação às finanças. Eles observam tudo e entendem muito mais do que imaginamos.

Com isso, queremos dizer que a criança terá sua primeira lição de educação financeira observando diariamente seus pais nas diversas situações de consumo e manuseio do dinheiro. Por isso que a educação financeira de nossos filhos é também um grande desafio para nós mesmos. Qual é o modelo que, como pais e mães, estamos passando para os nossos filhos? Estamos sendo consumidores conscientes e equilibrados nas nossas finanças?

Sabemos que lidar com dinheiro não é fácil para muita gente. Mas o importante é reconhecer nossas limitações e procurar vencê-las. Ensinando também se aprende!

Atenção à história das gerações familiares!

Para ajudar em suas reflexões, lembramos que grande parte do que fazemos hoje em termos de gerar e gastar dinheiro pode ser atribuída ao que aprendemos com nossos pais e outros familiares que nos serviram de exemplo.

Como seus pais lidavam com o dinheiro e com os bens da família? Qual valor davam para os bens materiais? E você, qual valor atribuía a esses bens? Você percebe a diferença entre o mundo dos seus pais, o seu mundo e o mundo dos seus filhos? O que diferencia as finanças dessas três gerações da sua família?

As famílias podem e devem repassar às gerações seguintes a capacidade de buscar a autonomia financeira, sem se prender a jeitos de lidar com o dinheiro que, às vezes, nem dão o resultado desejado. O objetivo é estimular a criatividade e a responsabilidade, dando apoio para tentativas bem planejadas.

Quando começar a falar de dinheiro com as crianças?

Papai, compra pra mim? Eu quero!

Você já deve ter ouvido essa frase. Diante daquele olhar e talvez de algumas lágrimas, atendemos o pedido. E se não o fazemos, somos tomados por culpa. Esse pedido, no entanto, sinaliza que chegou a hora de iniciar a educação financeira.

Na realidade a criança não precisa atingir uma idade específica para que os pais comecem a falar sobre o assunto, cada família possui um estilo de vida e um jeito de lidar com dinheiro. Respeitado isso, os pais decidirão o momento certo para iniciar essa maravilhosa aventura. O mais importante é que seja feito de forma prática, simples e tranquila, aproveitando as oportunidades do dia a dia.

Conhecendo o dinheiro e sua função

Quando a criança é bem pequena, é importante apresentar a ela moedas e cédulas, apontando diferenças de tamanho, formato, peso e desenho existentes. A associação das moedas ou notas a um valor correto não deve ser uma exigência. Com o tempo, o reconhecimento dos valores vai acontecer naturalmente.

Na padaria da esquina, o simples comentário da mãe "nossa, como esse biscoito está caro" já vai chamar a atenção da criança. Mostrar que há coisas caras e coisas baratas a faz perceber que existe uma racionalidade no uso do dinheiro, que existem categorias diferentes e é preciso estar atento a elas.

Você pode também deixar que seu filho entregue o dinheiro ao caixa e receba o troco, que deverá ser conferido e guardado pelos pais na frente da criança.

Essas práticas mostrarão que ela tem que usar o dinheiro com atenção. Palavras como "troco", "caro" e "barato" serão rapidamente incorporadas ao seu vocabulário.

A diferença entre querer e precisar

As crianças querem ter tudo, mas todos sabemos que, na realidade, ninguém pode ter ou tem tudo o que quer. Acostumar-se a essa ideia é um aprendizado que deve começar cedo. Cabe aos adultos ensinar a diferença entre coisas que precisamos – se ficarmos sem elas, podemos nos prejudicar em termos de saúde e bem-estar – e coisas que desejamos – algo a mais, um luxo ou um "gosto".

Continuando a lição, vem a parte mais importante: mostrar que as necessidades devem vir primeiro que as vontades.

Distinguir entre querer e precisar permitirá ao seu filho estabelecer prioridades, o que facilitará também o processo de escolhas.

Já na infância podemos iniciar o treino de habilidades, como: o reconhecimento de necessidades, a contenção de impulsos imediatistas, a capacidade de escolha entre alternativas e, um pouco mais tarde, a espera e o planejamento. Contudo, você deve iniciar esse treino com lições bem simples. Distinções e decisões mais complexas poderão ser feitas mais tarde com o amadurecimento.

Dessa forma, você contribuirá para que, no futuro, seu filho esteja pronto para tomar as rédeas da própria vida e vivê-la com responsabilidade.

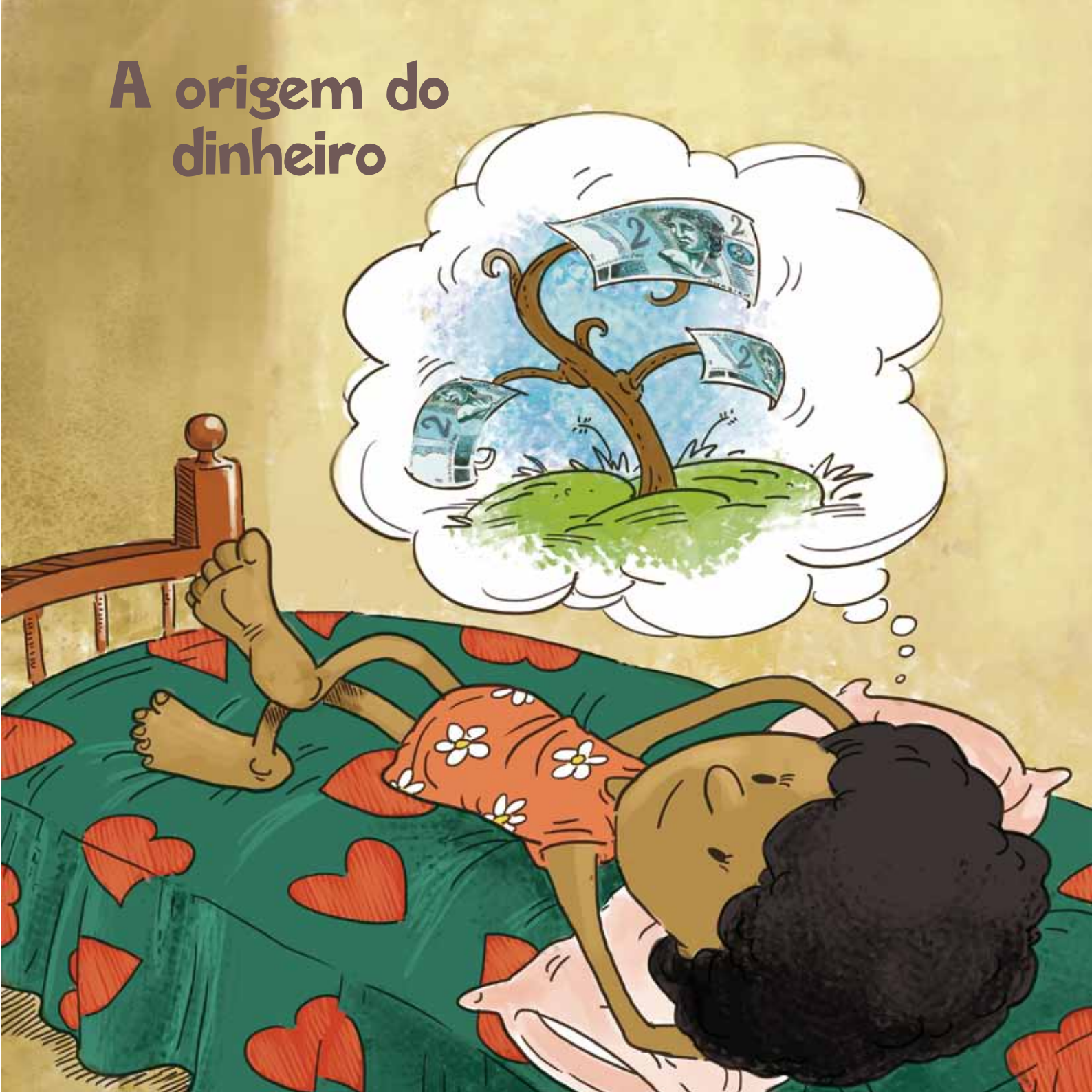
Ensinando finanças na hora da compra

É isso mesmo! Pode parecer loucura, mas o supermercado pode se tornar uma grande fonte de aprendizado sobre finanças.

Muitos pais evitam levar crianças, já que elas sempre acrescentam algumas coisinhas ao carrinho, mas, tendo atenção em alguns pontos, pode ser uma aventura muito prazerosa e, com certeza, educativa.

- Antes mesmo de ir ao mercado, diga ao seu filho que precisa da ajuda dele para fazer uma lista de compras e acerte que comprarão apenas o que está na lista;
- No supermercado, peça a ajuda dele para escolher os produtos da lista entre aqueles com bom preço e boa qualidade;
- Lembre-se que você não está apenas comprando, mas ensinando como escolher produtos, seguir a lista, separar o caro do barato. Aproveite esse momento para interagir, sem assumir uma postura autoritária;
- Ajude seu filho na comparação de preços, na procura pelo produto nas prateleiras, e risque o produto já selecionado da lista de compras;
- Ao final, deixe que ele dê o dinheiro ao caixa e receba o troco.

A origem do dinheiro



Hoje em dia, adquirimos o hábito de pagar tudo com cartão (crédito ou débito), mas essa forma não dá uma noção concreta de pagamento para a criança. Por isso, tente pagar algumas coisas em dinheiro para que ela veja as cédulas ou as moedas e evite criar a crença de que o dinheiro aparece como mágica na hora em que queremos.

Diante da mágica sugestão de usar o cartão, é hora de explicar à criança que para usá-lo é necessário ter dinheiro no banco, ou seja, explicar a origem do seu dinheiro.

Dinheiro não cai do céu

Para que os nossos filhos aprendam sobre a origem do dinheiro é necessário que percebam que ele não cai do céu, que há um empenho dos pais para consegui-lo. Muitas vezes, os pais não ensinam o valor do dinheiro e, se não ensinam, não podem esperar que os filhos tenham essa compreensão espontaneamente.

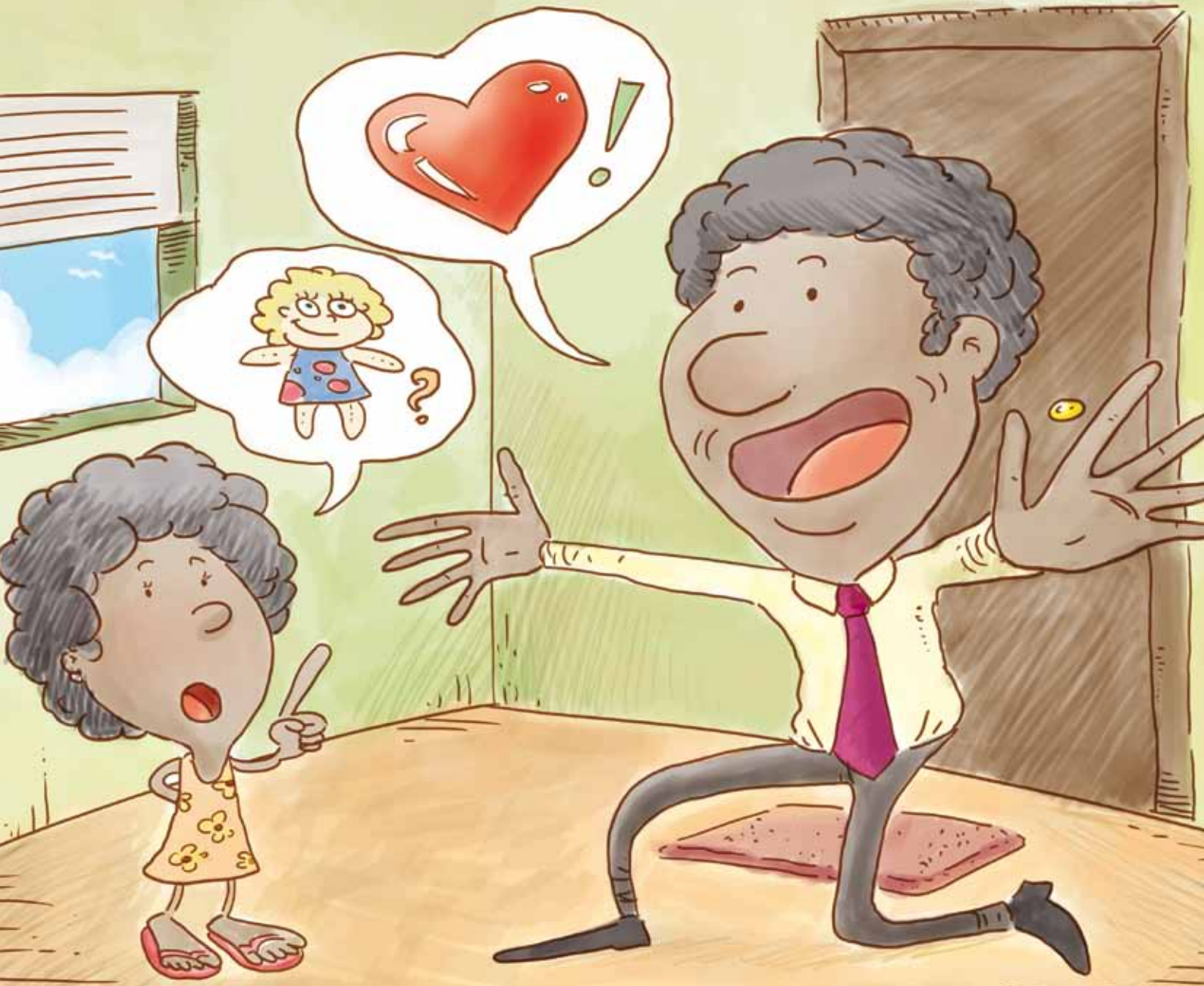
De modo geral, o que acontece é o pai ou a mãe saírem para trabalhar e dizerem: "Tenho que ir para garantir o dinheiro do mês". O que as crianças compreendem é que os pais vão a algum lugar e alguém, por alguma razão, lhes dá dinheiro. Elas não entendem que há um trabalho remunerado e que daí é que advém o ganho do dinheiro.

Levar as crianças para conhecer seu ambiente de trabalho e ter alguma noção sobre o que você faz é uma forma de nutrir a ideia de que os adultos conquistam seu dinheiro através de empenho e envolvimento com seu trabalho. E que aquele dinheiro que sai da máquina do banco só está disponível porque houve antes a execução de um trabalho e o pagamento por ele.

Cuidado e conservação

Devemos ensinar nossos filhos a conservar o dinheiro: não rasgá-lo, não riscá-lo nem molhá-lo. Por extensão, e para garantir aquela coerência que a educação requer, devemos incentivá-los também a não desperdiçar e a preservar o que têm, não permitindo, por exemplo, que eles quebrem os brinquedos de propósito.

E quando dinheiro e consumo são medidas de amor?



Muitas vezes nos deparamos com a culpa de não passarmos tanto tempo com nossos filhos e/ou por chegarmos muito cansados do trabalho e não termos paciência para conversar, brincar, cuidar. Precisamos ter cuidado com esses sentimentos, pois eles podem nos levar a armadilhas.

Sabemos que a vida é mesmo uma correria, mas precisamos aprender a priorizar e planejar. Nossos filhos precisam de nossa atenção e carinho e essas necessidades não serão supridas com presentes e mais presentes. Esse hábito pode deturpar a relação de consumo das crianças, que são muito espertas, observadoras e, rapidamente, podem associar o consumo ao amor.

Não se torture por não dar a seus filhos todas as coisas que eles pedem, você realmente não precisa fazer isso. Dizer "não" transmite à criança uma noção de realidade, orientação e proteção. A criança não aprende sozinha a impor os próprios limites, esse papel é primordialmente dos pais. É "direito" dos filhos fazer pedidos de toda ordem. É "dever" dos pais fazer valer o bom senso, o que pode implicar em frustrar as exigências dos filhos em algumas ocasiões.

Os limites são necessários e contribuirão para o desenvolvimento de uma relação saudável, equilibrada e responsável, inclusive com o dinheiro. Dar limites é um ato de amor!

Mesada: exercício da autonomia financeira

A mesada é um assunto que gera muitas dúvidas nos pais: preciso dar mesada?, de que valor?, a partir de que idade?, devo dar mesada ou semanada?, o que meu filho deve comprar com esse dinheiro?, e se ele me pedir um adiantamento?

Primeiramente, você não é obrigado a dar mesada só porque todos os amiguinhos de seu filho recebem. Se optou por dar mesada, é importante não confundi-la com o pagamento por atividades da casa, por exemplo, pois essas devem ser encaradas como a busca pela harmonia e pelo bem-estar de todos. Também não se deve suspender a mesada ou decidir por não dá-la para punir ou castigar um comportamento inadequado ou o baixo rendimento escolar. A mesada não deve ser relacionada a esses aspectos.

É bom esclarecermos que o objetivo da mesada é tão somente o de orientar os filhos, desde cedo, a como lidar com o dinheiro. Atualmente, os apelos ao consumo são enormes e a mesada ajudará os pais a ensinarem noções de responsabilidade, planejamento e limites.

Uma boa idade para começar a dar mesada é por volta de sete anos, idade em que a criança tem noções de cálculos simples. A semanada é in-

dicada para essa faixa etária por não ser um prazo longo, facilitando a administração dos gastos.

Acompanhe seu filho nessa "empreitada". Ajude-o nas escolhas do que comprar com esse dinheiro, encoraje-o a fazer o pagamento, ajude-o a conferir o troco. Caso ele lhe peça adiantamento, incentive-o a poupar para a aquisição de alguma coisa um pouquinho mais cara. Não se preocupe se ele "falir" de vez em quando, aprender a lidar com dinheiro leva tempo, exige treino e muita persistência.

Dúvidas sobre como dar a mesada ao seu filho? Então aí vão algumas dicas:

Por volta de 5 anos:

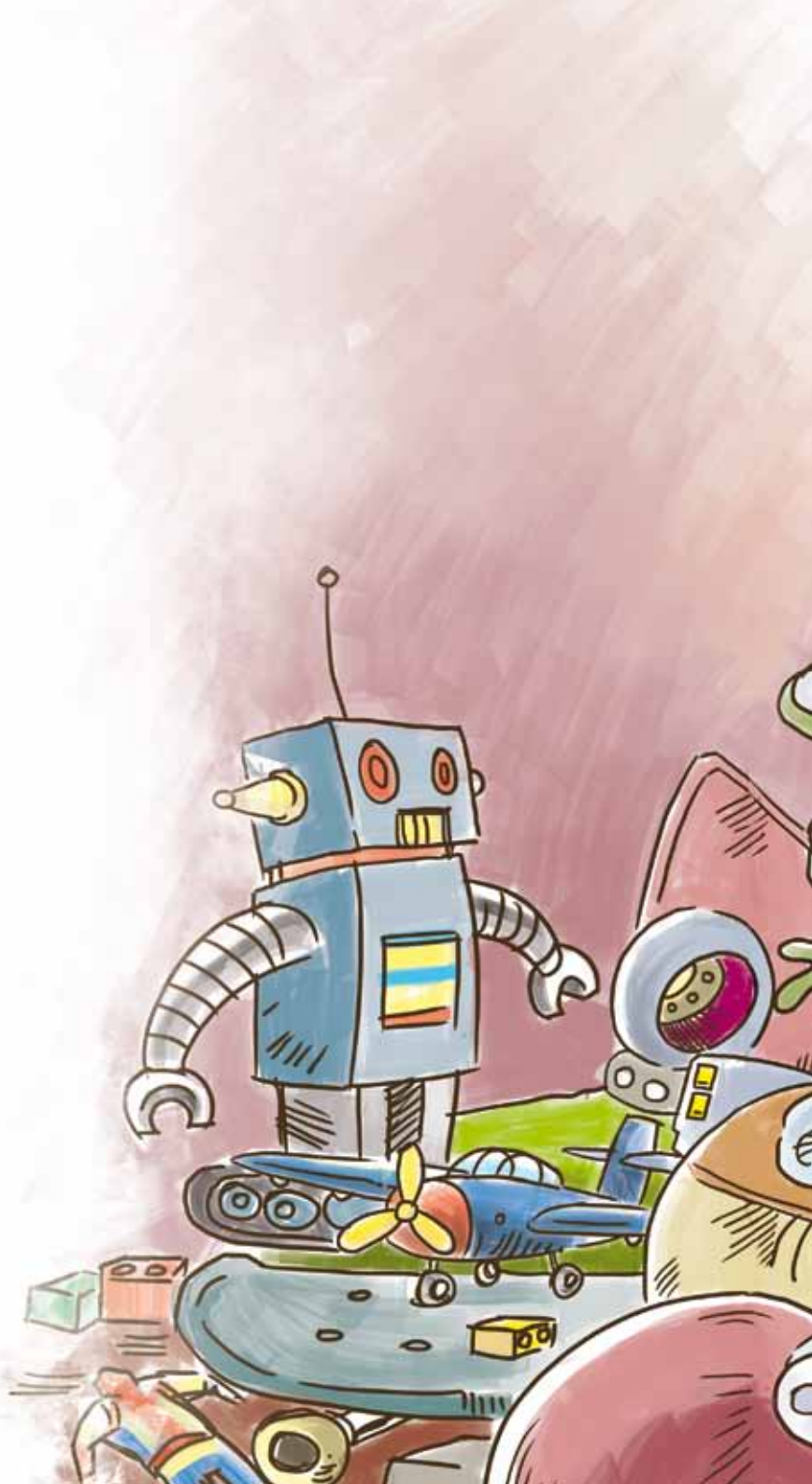
A ideia do cofrinho é ótima para dar aos bem pequenos as primeiras noções de economia. Com o cofrinho, a criança aprende que, poupando, pode atingir um objetivo (que pode ser comprar as figurinhas, o lanche, um sorvete, um brinquedo novo). E o que é melhor: ela é quem irá ter controle do seu dinheiro (cabe a ela a decisão de quebrar o cofrinho ou guardar para ter mais). O cofrinho transparente facilita essa observação.

Por volta de 7 anos:

A partir desta idade já é possível dar a semanada, mas o valor deve ser pequeno, para que a criança consiga contar e administrar. Os gastos serão pequenos também, já que o objetivo será a compra de doces e figurinhas, por exemplo. Deve-se estabelecer um dia para receber o dinheiro e não se deve antecipar ou atrasar o pagamento, nem complementar o valor. É importante que os pais ajudem os filhos no acompanhamento dos gastos, principalmente nas primeiras semanas, para ver como eles estão se saindo.

A partir dos 10 anos:

É desejável que, nessa idade, os pais sentem com os filhos para decidir que gastos serão cobertos pela semanada: lanche, cinema, *lan house*, revistas, *hobbies*. O valor deve ser negociado para que a criança aprenda a noção de limite. Uma boa pedida é estimular a criança a economizar para comprar algo de maior valor. Os pais também podem estimular a criança a guardar algum dinheiro para ajudar os mais necessitados.



“Quero dar ao meu filho tudo o que não tive!”

Muitos de nós tivemos uma infância regrada. Os coleguinhas tinham um tênis que nós não poderíamos ter e aquela vivência despertava muitas emoções: tristeza, sentimento de exclusão, inveja, indiferença. Talvez as possibilidades de estudo também tenham sido poucas. Até que gostaríamos de ter ido às aulas de inglês, balé, piano e frequentado uma boa escola. Bem, agora somos pais e amamos tanto os nossos filhos, não queremos que eles sintam o que sentimos de negativo. Desejamos que eles tenham todas as oportunidades.

Apesar de todo o discurso acima ser legítimo, ele carrega consigo um grande problema: tentaremos suprir através dos nossos filhos as faltas da nossa infância. Essa não é nem de longe a melhor forma de resolver isso. As nossas crianças poderão ter necessidades diferentes daquelas que tínhamos. É relevante estar atento ao que realmente importa hoje e observar se elas estão querendo, precisando e valorizando as coisas que estão ganhando. Esteja atento à reação dos filhos quando ganham um brinquedo, por exemplo. Caso eles não se interessem pelo presente, é sinal de que você está dando coisas além de suas necessidades ou sem que eles as desejem. Talvez eles não quisessem aquele brinquedo ou tenham brinquedos demais.

E se eu tenho o dinheiro? Por que não dar?

Ao darmos tudo, retiramos das nossas crianças as fantasias do tempo de espera. Lembre-se de algo que você queria e precisou esperar para ter, talvez uma festa ou uma bicicleta. Você provavelmente imaginou os detalhes, as cores, o que faria no dia que o seu sonho fosse realizado. Hoje muitos dos nossos jovens estão apáticos, com impulsos autodestrutivos e principalmente com baixa resistência a frustrações.

Se satisfazemos o desejo de imediato, cerceamos a possibilidade de vivenciar sua real natureza.

Para aqueles pais que gostam de presentear seus filhos, a dica é que estabeleçam datas para isso (ex.: Natal, aniversário, dia das crianças), o que fará com que as crianças passem a compreender que, muitas vezes, é necessário esperar para obter o que desejam e que elas podem inclusive ter prazer nessa espera.

Poupar pode ser tão prazeroso quanto gastar

A criança deve aprender desde cedo que dinheiro não jorra de uma fonte inesgotável, mas que, se poupado ao longo de um período, lhe possibilitará a aquisição de algo desejado. É importante que a criança descubra o prazer que há em poupar: conquistar algo com o que sonhamos, principalmente se nos envolvemos nessa conquista.

Se seu filho quiser comprar um brinquedo fora das datas comemorativas ou uma calça mais cara, por exemplo, você pode ajudá-lo a comparar o preço do objeto com o dinheiro que possui, assim ele saberá quanto precisará juntar para atingir seu objetivo. Ajude-o a fazer uma pesquisa para descobrir o melhor preço e a não ter vergonha de pedir descontos, afinal é o seu dinheiro que está em jogo.

Para poupar é necessário que se tenha um objetivo, assim o papel dos pais é incentivar e orientar os filhos a alcançarem os seus objetivos. Na vida adulta temos muitas necessidades e desejos que só poderão ser realizados se tivermos aprendido a poupar, caso isso não ocorra, estamos predestinados a não termos acesso a esses bens ou a pagarmos juros em empréstimos infindáveis.

Outro aspecto relevante que envolve o aprendizado do poupar é a possibilidade da independência financeira, ou seja, de termos acumulado um certo valor que nos possibilite viver de renda. Isso nos dá autonomia e segurança financeira. Imagine o seu filho podendo escolher o trabalho com o qual se identifica — e não deixando apenas o salário definir onde trabalhará ou que atividades desenvolverá — e, ainda, desfrutando de uma aposentadoria tranquila. Se seu filho aprendeu a poupar, não terá tantas dificuldades em abrir mão de pequenos desejos para conquistar essa independência financeira.

Dizemos que aprendemos a usar o dinheiro quando encontramos o equilíbrio entre gastar e poupar, ou seja, quando gastamos o dinheiro na medida do bom senso e o poupamos na medida do que precisamos. Dessa forma, a nossa relação com o dinheiro será de prazer.

Aprendendo a poupar, aprendemos também a esperar, a não sermos imediatistas, a estabelecer objetivos, a fazer escolhas (abrir mão de um desejo em detrimento de um maior). E o melhor de tudo isso é que esse aprendizado tão importante para uma vida saudável pode refletir-se nos outros aspectos da vida do seu filho e não apenas no financeiro.

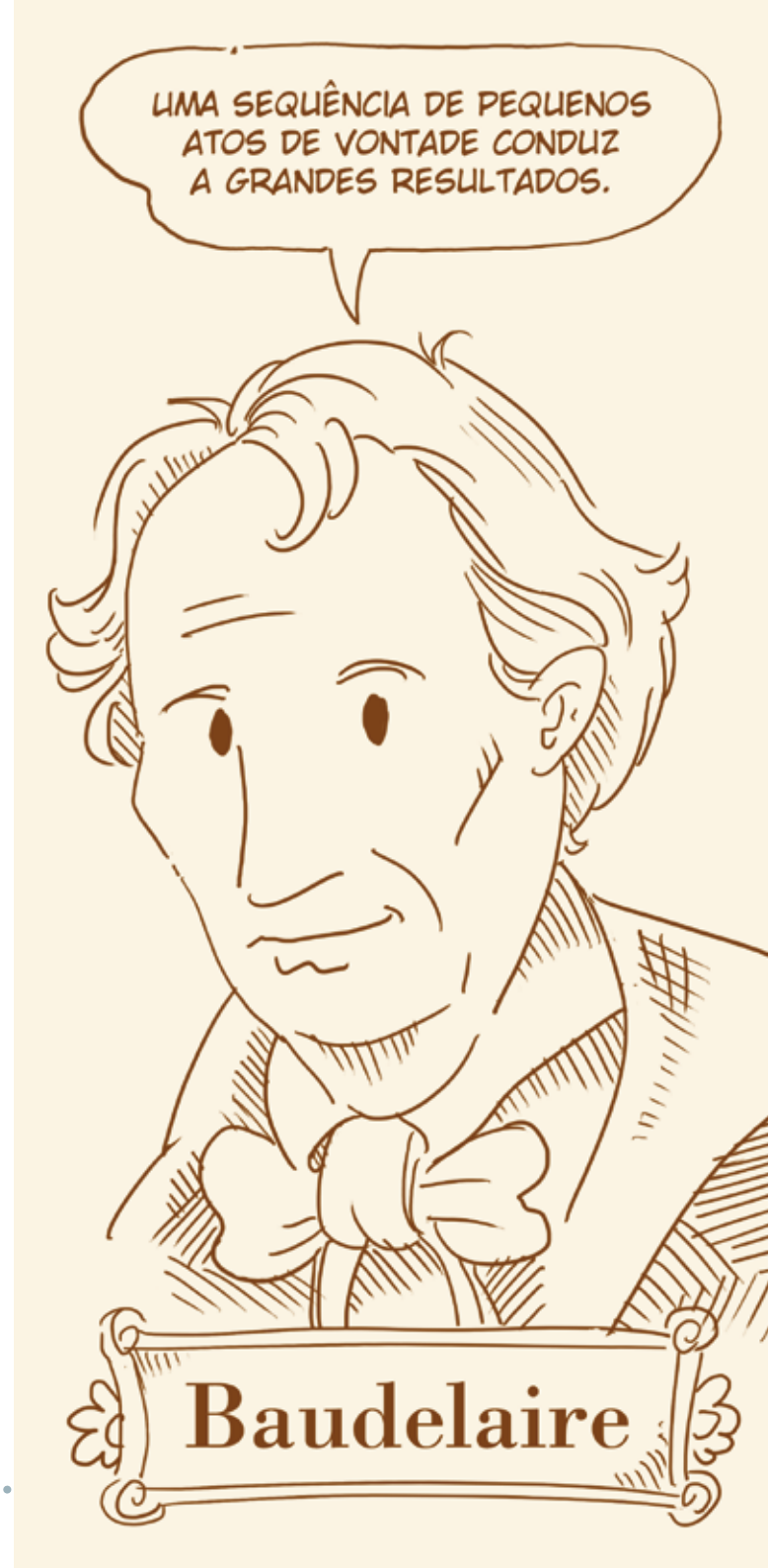
A capacidade de espera das crianças: um experimento

Eduardo Giannetti no livro *O valor do amanhã* descreve um experimento clássico sobre os atributos da escolha intertemporal na infância. Veja que interessante:

Uma criança pequena é introduzida numa sala e apresentada a um adulto que lhe convida a escolher uma entre duas alternativas antes de se retirar. Se ela decidir tocar a qualquer momento um sininho que está ao seu alcance, o adulto retorna à sala naquele exato instante e ela ganha uma unidade do confeito de que ela mais gosta. Mas, se ela não tocar o tal sininho e aguardar até que o adulto reapareça por si mesmo, então ela receberá como prêmio não uma, mas duas unidades do confeito. O adulto se retira e deixa a criança a sós, com as duas opções de confeitos no seu campo visual, mas sem que ela tenha como pegá-los. Se a criança não tocar o sininho, o adulto espontaneamente retorna à sala após um intervalo máximo de vinte minutos. O dilema é claro: menos antes ou mais depois?

O resultado do teste, diz o autor, está fortemente ligado à idade. As crianças com até quatro anos invariavelmente tocam o sininho, embora com diferenças no lapso de tempo transcorrido antes de fazê-lo. Já entre as que têm doze anos de idade, cerca de 60% se dispõem a esperar até o final do experimento (vinte minutos). É no período dos quatro aos doze anos, portanto, que o indivíduo amadurece em termos de capacidade de espera e autocontrole.

Outros estudos indicam que a capacidade de espera em idade pré-escolar está correlacionada com melhores desempenhos escolares e acadêmicos e com menor incidência



de tabagismo e abuso de drogas, menor índice de delinquência e de conflitos familiares sérios na idade adulta.

Percebam que o aprendizado da espera na infância produz efeitos significativos na vida futura.

O poder da publicidade

Na correria do nosso dia a dia, a televisão muitas vezes passa a ser companhia para os filhos. No Brasil, em média, as crianças passam cerca de cinco horas diárias na frente da TV[1]. São, muitas horas por dia, expostas a uma publicidade ávida por criar novos consumidores.

A criança acredita naquilo que ouve e vê, não discrimina a fantasia da realidade. Se um produto diz que, ao ser consumido, deixará a criança mais forte ou mais bonita, ela acreditará.

Bombardeada pela publicidade, ela passa a pedir, implorar, persuadir os pais a comprar, comprar, comprar, fazendo com que nos tornemos reféns desse sistema. Como podemos sair dessa emboscada se, no Brasil, ao contrário de tantos outros países, ainda não existe uma legislação que regulamente a publicidade infantil?

1) Estabeleça um teto diário de tempo diante da TV;

2) Assista TV junto com o seu filho e não perca a oportunidade de:

- conversar sobre a veracidade da propaganda: será que essa sandália a deixará igual a uma princesa?, o achocolatado lhe dará poderes especiais?

[1] Projeto Criança e Consumo. *Por que a publicidade faz mal às crianças*. 2ª edição. São Paulo, Instituto Alana, 2009.

- iniciar o exercício do senso crítico: por que será que nesse horário há mais propagandas infantis? Será que esse produto é melhor que o outro só porque vem com um reloginho? Por que as apresentadoras dos programas infantis anunciam tantos produtos? Será que tudo o que anunciam é necessário?

3) **Discuta com outros pais e educadores sobre a importância da regulamentação da publicidade no Brasil.**

Agora, o antídoto mais poderoso é, com certeza, mudar o foco das crianças para atividades que possam trazer um significado e um divertimento mais profundo ao seu dia a dia. Quando estão em frente à TV, são meras observadoras das brincadeiras alheias, mas que tal serem elas as protagonistas? Não coloque limites na sua imaginação, crie esse espaço lúdico para os seus filhos e não se preocupe tanto com a bagunça. O divertimento não precisa estar sempre na TV, no *videogame* ou no *shopping*, podemos passar momentos muito divertidos cantando, dançando, contando histórias, propondo brincadeiras ao ar livre. Outras atividades simples e não ligadas necessariamente ao consumo podem trazer muito prazer, tais como: brincar de peteca, frescobol, vôlei; "brincar" de fazer um bolo; promover sessões de leitura de gibis ou uma gincana entre seus filhos e os amiguinhos, com

corrida de saco, dança com laranja na testa, morder a maçã suspensa por um barbante; montar uma peça de teatro; brincar com argila; organizar um acampamento; plantar árvores e flores; enfim, deixe a criatividade fluir e desfrute de momentos mágicos com seus filhos!

Consumo consciente

Um outro aspecto desejável na educação financeira de nossas crianças é prepará-las para serem consumidores conscientes. A ideia básica do consumo consciente é transformar o ato de consumo em uma prática permanente de cidadania, que leve em conta não só o atendimento de necessidades individuais, mas também os reflexos desse consumo na sociedade, na economia e no meio ambiente. É um consumo responsável, e isso significa usar os recursos naturais só até o limite das nossas necessidades básicas, sem prejudicar o direito das outras pessoas de usá-los também e sem colocar em risco as pessoas que virão depois de nós. Ou seja, não desperdiçar, não poluir e ajudar a manter esses recursos na quantidade e na qualidade apropriadas para o consumo de agora e do futuro.

O consumo consciente abrange comportamentos como:

- planejar suas compras: comprar menos e melhor;
- informar-se sobre os impactos de seu consumo no meio ambiente e na sociedade para evitar aqueles que são negativos (compra de produtos piratas contribui para o crime organizado etc.);
- reutilizar produtos: não comprar outra vez o que você pode consertar e transformar;

- selecionar seu lixo e conhecer possibilidades de reutilização de alguns dos resíduos coletados;
- valorizar as práticas de responsabilidade social das empresas;
- enviar às empresas sugestões e críticas construtivas ou reivindicar direitos do consumidor que não forem atendidos, de forma a contribuir com a melhoria dos produtos e serviços oferecidos.

Podemos introduzir nossas crianças no universo do consumo consciente quando, por exemplo, ela pretende comprar um brinquedo. Podemos orientá-la a checar na embalagem a indicação da idade apropriada e o selo do Inmetro (certificado de que o brinquedo foi fabricado de acordo com as normas recomendadas).

Na compra de iogurtes ou outro alimento perecível, podemos ensinar a criança a verificar o prazo de validade para evitar desperdício, ou seja, levar para casa um alimento impróprio para consumo. Além disso, vale checar se a embalagem está aberta, furada, amassada ou enferrujada.

Também é importante ensinar que o consumidor tem direito a pedir devolução do dinheiro ou troca do produto, caso apresente defeitos ou não esteja de acordo com sua publicidade.

Para os maiores, é interessante conhecer como determinado produto é feito – se usa muita ou pouca energia, água, matéria-prima; se gera resíduos tóxicos; se vem de um país que usa mão de obra infantil ou escrava etc.

Mais do que ensinar conteúdos conceituais, devemos transmitir para as crianças uma maneira diferente de olhar o mundo, na qual elas se sintam comprometidas com a preservação do meio ambiente e possam olhar para si e para o mundo compreendendo a importância de seus atos.

Arte de doar, arte de se doar

Um outro aspecto muito importante na educação financeira é a doação. Devemos ensinar os nossos filhos a olhar em torno de si para perceber as necessidades dos outros e não apenas as suas próprias, e estimulá-los a compartilhar não apenas dinheiro, mas tempo, talento, ideias, afeto etc.

Podemos incentivá-los a separar as roupas antigas e os brinquedos que não usam mais para que sejam doados a outras crianças; a ler um livro para o irmãozinho mais novo; a ajudar um colega da escola que esteja com dificuldade em uma matéria; a ligar para os avós para saber se estão bem, enfim há mil e uma maneiras de fazer doações.

Segundo Pinotti, a generosidade é ainda “um exercício de prosperidade, pois faz circular uma sensação de fartura e acolhida pelo universo. Isso inspira no outro um espírito construtivo e colaborativo, uma vontade de trocar com os demais, de dar sua contribuição, de suprir as lacunas do outro em vez de condená-las. Também gera fé, não necessariamente em uma divindade, mas na existência de um mundo melhor e mais hospitaleiro, onde a irmandade humana se protege. Esta solidariedade diminui a desesperança, a sensação de solidão, caos ou abandono, trazendo apoio e suporte. Quando passamos a compartilhar este estado, sempre acabamos recebendo novas oportunidades vindas desse fluxo construtivo de trocas, pois criamos um meio próspero, o que é chamado de Lei do Retorno.”

Ética

Devemos ensinar os nossos filhos a fazer dinheiro, gastar, poupar, doar, mas tudo com ética. Não é necessário nos apropriarmos do que não é nosso e nem trapacearmos para termos algo. É possível construir honestamente a própria riqueza.

O modo como a gente lida com o dinheiro é consequência de como a gente lida com uma série de outras situações na vida: desejo, ambição, segurança, autoestima. O dinheiro vai ser a concretização das nossas atitudes perante a vida. É preciso preparar as crianças para isso se esperamos que, na vida adulta, elas possam vir a ter uma relação saudável, responsável e ética com o dinheiro.

Cuidar

A preocupação na criação de adultos educados financeiramente é grande, mas devemos nos preocupar também em criarmos adultos amados, seguros, valorizados e respeitados. Não pense que seus filhos têm tanta certeza de que você os ama, demonstre esse afeto através de gestos, palavras e de sua presença na vida deles.

Desde cedo, podemos incentivar o desenvolvimento da independência e da autoestima, deixando a criança fazer algumas escolhas e realizar tarefas cotidianas, ouvindo o que ela tem a dizer e tentando entender e valorizar a maneira como ela percebe o mundo.

Educar os nossos filhos talvez seja a aventura mais desafiante de todas, durante a qual precisamos encarar dificuldades e dirimir conflitos internos, livrando-nos de amarras que impeçam nossos filhos de alçarem seus próprios voos.

"Existem dois legados duradouros que podemos deixar para nossos filhos. Um deles, raízes. O outro, asas."

Hodding Carter

Referências

CERBASI, Gustavo. *Filhos inteligentes enriquecem sozinhos*: como preparar seus filhos para lidar com o dinheiro. São Paulo: Ed. Gente, 2006.

D'ÁQUINO, Cássia. *Educação financeira:* 20 dicas para ajudar você a educar seu filho. 2. ed. São Paulo: Me Poupe, 2001.

_____. *Educação financeira:* como educar seus filhos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____. *20 dicas para ajudar você a administrar sua mesada.* 2. ed. São Paulo: Me Poupe, 2001.

DOZE princípios do consumidor consciente: [guia]. São Paulo: Inst. Akatu, 2006. (Manuais práticos do consumo consciente). Disponível em: http://www.akatu.org.br/akatu_acao/publicacoes/manuais-praticos-do-consumo-consciente/doze-principios-do-consumidor-consciente/at_download/file. Acesso em: 25 fev. 2011.

DROGAS: cartilha para pais de crianças. Brasília: Senad, 2004.

GUIMARÃES, Ricardo; WHITE, Oriana; BASILE, Sidnei; DURAND, José Carlos G.; MORENO, Rachel; INHETVIN, Michael; NUNES, Maria de Lourdes; TILKIAN, Célia; JUNQUEIRA, Vera Marta; PERAMEZZA, Vilma. *Consumidor*: o poder da consciência.

São Paulo: Inst. Akatu, 2002. 68 p. (Diálogos Akatu; n. 2). Disponível em: http://www.akatu.org.br/akatu_acao/publicacoes/reflexoes-sobre-o-consumo-consciente/dialogos-akatu-no-2/at_download/file. Acesso em: 25 fev. 2011.

HOTTA, Carlos. *6 perguntas para um consumo consciente*. 16 dez. 2008. Disponível em: http://scienceblogs.com.br/brontossauros/2008/12/6-perguntas-para-um-consumo-consciente.php. Acesso em: 25 fev. 2011.

KURIKI, Fabiana; BRÈLAZ, Gabriela de; O'REILLY, Luciana ; CESÁRIO, Denise Maria; SOUZA, Domiciano de; GONÇALVES, Itamar Batista; PIZZO, Esníder. *Essa turma ninguém passa para trás*: cartilha. São Paulo: Idec; Fundabrinq; Criança Segura, 2006. 51 p. Disponível em: http://www.turminha.mpf.gov.br/turminha/sei-comprar/essa-turma.pdf. Acesso em: 25 fev. 2011.

PINOTTI, José Aristodemo. *Arte de enriquecer*: princípios da psicologia financeira. São Paulo: Sapienza, 2004.

PROJETO CRIANÇA E CONSUMO. *Por que a publicidade faz mal às crianças*. 2. ed. São Paulo: Inst. Alana, 2009.

TAYLOR, Betsy. *O que as crianças querem que o dinheiro não compra*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

Anotações

Programa de Valorização do Servidor (Pró-Ser)
E-mail: educacao.financeira@camara.gov.br
Telefones: (61) 3216-7493 | 3216-7494
Endereço: Câmara dos Deputados
Anexo I, 8º andar, sala 806
Palácio do Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes – Brasília (DF)
Cep 70160-900

edições câmara

Pró-Ser
Programa de Valorização do Servidor
Câmara dos Deputados

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Desde a mais tenra idade, palavras como “comprar”, “pagar”, “troco”, “caro” e “barato” despertam a curiosidade das crianças. Com frequência, elas vivenciam situações de consumo e manuseio de dinheiro. Por isso, é função dos pais auxiliar seus filhos no processo da educação financeira. O objetivo é que eles assimilem desde cedo noções saudáveis de consumo e construam uma relação equilibrada com o dinheiro.

Os pais devem ensinar, por exemplo, que usar bem o dinheiro não se limita a economizar e a fazer contas; envolve ainda saber aplicar os recursos em prol do nosso crescimento e bem-estar. Faz parte desse processo também ajudar as crianças a reconhecer suas necessidades e a conter impulsos imediatistas.

Pensando em subsidiar os pais nessa tarefa, o Programa de Educação Financeira da Câmara dos Deputados, levado a efeito pelo Pró-Ser, elaborou a presente publicação com informações valiosas sobre o assunto.